

# MAX MAIER e MATHILDE [WORMSER] MAIER<sup>1</sup>

(Dinslaken, Alemanha, 1896; Rolândia, Brasil, 1997)



Mathilde [Titti] Maier em um dos jardins. Rolândia, 1999.

Fotografia: Boris Kossoy.

Acervo: Maier/PR; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista concedida por Mathilde Maier a Maria Luiza Tucci Carneiro. Rolândia, 26.9.1989. Testemunho gravado em áudio, transcrito e revisto por Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Pesquisas complementares: Blima Lorber e Tucci Carneiro.

## Minha infância e juventude na Alemanha

Nasci no século passado, no dia 14 de julho de 1896 em Dinslaken, uma pequena cidade da Alemanha próxima à fronteira da Holanda, no Baixo-Reno. Sou filha de Leopold Wormser e Bertha Betty Wormser, pais também de Bertha e Emil. Minha irmã Betty nasceu em 8 novembro de 1893, em Dinslaken, casou-se com Josef Baer em 13 outubro de 1913, passando a assinar Betty Baer. Faleceu em 1918. Em Dinslaken passei toda a minha infância junto com meus pais e irmãos. Em 19 de maio de 1920 casei-me com Max Hermann (Dr.) Maier em Frankfurt. Esta é a minha família imediata cuja história vou tentar reconstituir nessa entrevista.



Dinslaken (Alemanha), localizada no Distrito de Wesel, região de Düsseldorf, estado da Renânia do Norte-Vestfália. Google Maps.

Meu pai chegou a acolher uma família de judeus russos com muitos filhos que fugiam de um *pogrom*\*. Foi no paiol onde estavam abrigados que nasceu mais um filho deles; dias depois foram embora. Mais tarde, acolhemos uma menina com cerca de 10 anos vinda de um transporte de crianças salvas da Rússia. Seu apelido passou a ser Chirva, pois costumava cantar, em iídiche, a música *Wir waren zehn Kindlach im Zug*, que quer dizer “Éramos dez no trem”. A letra desta melodia, após enumerar o nome de nove crianças

(Aliocha, Dimitri, Jossel, Tania...), terminava com o último nome dizendo “... e Chirva, que sou eu!”.

Meu pai era professor em Dinslaken, cidade na qual chegou a construir uma casa destinada a abrigar crianças órfãs. Assim, fomos criados neste orfanato, que nos fazia pensar que, como as outras crianças, também éramos órfãs. Lembro-me de que uma noite ouvi minha mãe cochichando com meu irmão:

– Não dá este pão para Titti porque você precisa se alimentar. As outras crianças também não ganham!

Então, pensei comigo mesma:

– Essa não é minha mãe!

Em 1908, quando foram criados na Alemanha os primeiros ginásios para moças, abandonei o *Höhere Töchterschule* (*Ginásio Superior de Moças*) em Dinslaken, e fui para Trier estudar num ginásio feminino recém-criado. Nesta época eu tinha apenas 13 anos.

Quando meus pais se aposentaram, por volta de 1913, nos mudamos para Frankfurt, onde frequentei os últimos anos de colégio no Ginásio Schiller. Cheguei a frequentar cursos de zoologia no Museu de História Natural Senckenberg onde seccionei muitos sapos e ratos. Aprendi a amar o museu e a Biblioteca Municipal, onde tive horas tranquilas de leituras.

Formei-me em plena Primeira Guerra Mundial, em 1915. Tempos muito difíceis, um verdadeiro pesadelo. Eu queria continuar estudando química e física. Ainda consegui estudar dois semestres em Frankfurt. Tive como professor de filosofia Hans Cornelius e de matemática o professor Schoenfliess, aos quais lhes devo muito. Com a ajuda do Prof. Cornelius fui para München estudar química e lá encontrei um outro grande professor, Dr. Willstaedter, que muito me ensinou a respeito dos elementos básicos de formação da terra. Durante quatro semestres morei perto do Englischer Garten, um famoso parque no centro de München.

O professor Willstaedter, a quem chamávamos de “Senhor D’us”, nos levou para conhecer os Alpes e, pela primeira vez, vi montanhas tão altas. Deveríamos procurar plantas por entre as rochas, nas escarpas, às vezes muito íngremes, o que era muito cansativo, mas ao mesmo tempo emocionante e instrutivo.

Em 1917, a Universidade de München nos convocou para o “serviço de ajuda espontânea”, no qual deveríamos trabalhar em fábricas de munições ou, então, substituir a mão de obra masculina no campo. Algumas colegas chegaram a trabalhar em um hospital. Lembro-me muito bem que o reitor da Universidade de München não era muito favorável ao estudo das mulheres. Achava que, desta forma, seríamos muito mais úteis. Eu fui trabalhar numa chácara cuidando de hortaliças e flores durante oito horas por dia. Lembro-me de que, no meu grupo, havia cinco estudantes alemãs, além de cinco moças e rapazes búlgaros, que ficaram retidos na Alemanha por causa da guerra.

Fazíamos um trabalho pesado, carregando estrume e preparando os canteiros para o cultivo de novas plantas. Nas estufas, cuidávamos de violetas e bulbos de tulipa, além de regarmos ciclames. Passei a morar nessa chácara, num quartinho que cheirava estrume e terra; e almoçava num restaurante que havia por ali que servia uns nutritivos nhoques, carne de porco salgada e cerveja. Comida até muito boa para aqueles tempos de guerra.

## *Minha vida entre duas guerras*

Minha vida começou a mudar a partir de 1917 quando consegui realizar o Exame de Associação com o professor Willstaedter. Foi, após este exame final, que retornei à minha casa em Frankfurt. Lá me filiei ao *Blau-Weiss*, um movimento da juventude judaica fundado na Alemanha em 1912 e que tinha como proposta a vida comunitária com simplicidade e amor à natureza. A maioria dos seus adeptos vinha de famílias judias já assimiladas e integradas à sociedade alemã. Poucos eram aqueles que pensavam num lar para os judeus na Palestina. Nas nossas reuniões discutíamos judaísmo e germanismo. Nesta época, ninguém podia imaginar situações mais radicais. Nesta época, o movimento não tinha nenhuma orientação sionista, direção tomada alguns anos depois.

Tal postura (sionista) ganhou forças a partir de 1922 quando o *Blau-Weiss* começou a atuar em atividades de *Machanot Hachshara* que incentivava os jovens *chanichim* a trabalharem na terra em Eretz Israel. Tornou-se assim um dos movimentos juvenis mais populares da Alemanha, estendendo-se para a Áustria e Tchecoslováquia. Em 1925, mudou o nome para *Techelet Iavan* que, em hebraico, quer dizer “Azul e Branco”. Começamos

a plantar num jardim doado pela prefeitura e que ficou conhecido como *Hundswiese* que quer dizer “gramado do cachorro”. Tive oportunidade de aplicar ali os conhecimentos adquiridos na chácara em München. Solidários uns aos outros, trabalhávamos e cantávamos.

Em janeiro de 1919, convidaram-me para participar de um círculo filosófico que debatia as Teorias de Direito de Fries e, mais tarde, O Estado de Platão. Estas reuniões eram feitas por um grupo de jovens marcados pela guerra, de forma que estavam igualmente envolvidos com as questões políticas. Max Hermann Maier – com quem me casei em 19 de maio de 1920 – era quem orientava estas reuniões.<sup>A</sup> Importante citar aqui que após a guerra, Max trabalhou como advogado em Frankfurt am Main e, em 1936, tornou-se o assessor jurídico do *Hilfsverein der Deutschen Juden* (Associação de Ajuda dos Judeus Alemães) em Hesse. Nessa entidade ajudou a organizar a emigração judaica atuando como chefe do centro de aconselhamento para a emigração. Seu pai era diretor da filial do Deutsche Bank em Frankfurt.

Durante o período do entreguerras a situação da população alemã era de miséria e, por não termos condições de ter a nossa própria casa, fomos morar com os pais de Max num espaçoso apartamento na Hochstrasse, 6. Neste apartamento vivenciamos a terrível inflação que empobreceu a camada burguesa da população alemã. Em Frankfurt tínhamos uma intensa vida social e cultural. Finalmente conseguimos comprar um terreno e ali construir a nossa “Casa das Flores” para a qual nos mudamos na primavera de 1926.

Assim, nos anos 1920, após a Primeira Guerra Mundial, julgávamos que o futuro da Alemanha estava assegurado.

A- Max Hermann Maier nasceu em Frankfurt em 1891. Foi jurista e advogado, filho de Hermann Heinrich Maier e Cäcilie Minna Scheyer. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi recrutado para servir como tenente no Exército alemão. Seu irmão, Hans Maier (1889-1937), também era advogado e uma figura proeminente na reforma social e no bem-estar na Alemanha de Weimar. Hans casou-se com Anna Margarete Grätz em 1914, com quem teve três filhos: Hanna (1915-2003), Heinrich (Henry, 1918-2005) e Margarete (1921-1997). Por conta de círculos filosóficos realizados em Frankfurt no pós-guerra (1919), onde se estudavam as Teorias do Direito de Fries e, mais tarde, O Estado de Platão, é que Max Hermann Maier e Mathilde Maier se conheceram. Recebeu a Cruz Federal de Mérito. Emigrou para o Brasil, passando antes pela Holanda e pela Inglaterra. Suas memórias constam no livro *Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira*. Sobre o casal Mathilde e Max Maier consultar: Coleção Max Hermann Maier do Leo Baeck Institute, em vários links com material de ambos. Disponível em: <<https://archive.org/details/maxhermannmaier>>. Acesso em: 14 ago. 2017.



## Vozes do Holocausto



Die Kleibergstrasse 3  
Frankfurt am 21. August!



A “Casa das Flores”, residência da família de Max e Mathilde Maier em Frankfurt, década de 1930. Fotografia não identificada. Acervo United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.

Para nós, os judeus, havia sido alcançado uma certa igualdade de direitos, com os outros cidadãos alemães. No entanto, a *Judenählung* (censo judaico) no *front* durante a Primeira Guerra Mundial ficou apenas como uma triste recordação. Max nunca quis se filiar a nenhuma daquelas associações de velhos combatentes de guerra, pois percebia que as coisas não iam muito bem para nós judeus. O antissemitismo mostrava-se cada vez mais forte: a propaganda contra os judeus alemães crescia dia a dia, acusando-os de serem responsáveis pelo fato da Alemanha ter perdido a guerra. Charges antissemitas sobre a lenda da “facada nas costas”, e tantas outras, mostravam os judeus como traidores da Alemanha.



Cartão-postal antissemita ilustrando a lenda da “facada nas costas”. Alemanha, 1919.

Autor não identificado.

Acervo: Tucci/SP.

Lembro-me de que, com a estabilidade do marco alemão, tínhamos condições de viajar ao exterior e conhecer muitos outros jardins na Holanda, Inglaterra e sul da França. Estávamos ligados à Sociedade Alemã de Jardinagem, além do que Max prestava assessoria jurídica à Sociedade de Construções da cidade de Frankfurt. Mas havia as crises de desemprego e, no final dos anos 1920, a crise econômica levou muitos aos braços dos extremistas. Muitos diziam assim: “Alemanha, assim ou assim, comunista ou nacional-socialista”.

Em Frankfurt, formamos um círculo de auxiliares com o objetivo de instalar cozinhas em todos os bairros para fornecer um almoço nutritivo aos desempregados. Tentávamos ajudar de alguma forma; assim, assumi esta tarefa de 1929 até 1933.<sup>A</sup>

## *Diante do terror nazista*

Antes da ascensão de Hitler recebi a visita de um tio que residia na Suíça. Lembro-me de que, já nesta época, ele nos preveniu: “É um grande erro ficar na Alemanha!”. Não cheguei a compreender bem o que ele queria dizer com isso. Mas, ele pressentiu que a hora havia chegado. E, realmente, foi inacreditável tudo o que aconteceu depois! Foi incrível... pensar que morreram seis milhões de judeus! Meu tio não foi o único a pensar desta forma. Max tinha um amigo oficial, desde a época da guerra, e que pertencia ao alto comando. Ele também nos avisou: “Maier, você é como se fosse uma criança. Você não sabe quem são os alemães. Quando eles recebem um pontapé, obedecem!”.

A- No Instituto Leo Baeck existe uma carta enviada pela Joint, datada de 1950, para Max Maier agradecendo a informação de que um representante da entidade em Buenos Aires esteve visitando uma comunidade de aproximadamente 23 famílias. O remetente mostrou-se muito interessado na atuação de Maier na Associação de Ajuda dos Judeus Alemães e citou que Max conheceu seu tio, Max Warburg, que tinha interesse no projeto de colonização no Brasil. Edward Warburg cumprimenta Max Maier por estabelecer um assentamento e uma comunidade numa região selvagem. Disponível em: <[http://search.archives.jdc.org/multimedia/Documents/NY\\_AR\\_45-54/NY\\_AR45-54\\_Count/NY\\_AR45-54\\_00096/NY\\_AR45-54\\_00096\\_00874.pdf](http://search.archives.jdc.org/multimedia/Documents/NY_AR_45-54/NY_AR45-54_Count/NY_AR45-54_00096/NY_AR45-54_00096_00874.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2017.

E isto realmente aconteceu. O nacional-socialismo oferecia fantasias e todos aceitavam, como se fosse um veneno mortal que ia infestando toda a Alemanha. Não gosto de falar sobre isto. Foi isso que Hitler fez. Horrível esse Hitler! Por causa dele morreram milhões de judeus... É difícil uma pessoa imaginar tanta maldade. E pensar que Max, meu marido, lutou quatro anos na guerra em nome da Alemanha e que depois tivemos que fugir desta mesma Alemanha!

Após 1933, a situação para os judeus em Frankfurt foi se tornando mais difícil. Já não podíamos ter empregados domésticos. Lembro-me de que em minha casa trabalhava uma senhora de 55 anos e que não era judia. Os homens de Hitler a usaram, abusaram dela, e ela logo morreu. Assim, fomos constatando que já não dava mais para viver em paz na Alemanha.

## *Ações de salvamento*

Em 1935, já havíamos decidido que iríamos continuar em Frankfurt com o objetivo de ajudar os judeus a saírem do país. Prestamos este tipo de assistência entre 1935 e 1938, data em que imigramos para o Brasil. Na última hora! Esta foi uma época que nos marcou muito. Ajudamos não sei quantos judeus a saírem de lá. Muitos conseguiram se salvar de um ou outro jeito, mas milhares morreram nos campos de concentração. Isso vocês todos já sabem!

Nossa base era no escritório de advocacia do próprio Maier. Dali nos articulávamos para ajudar os judeus perseguidos que precisavam de documentos (falsos, sem o “J” vermelho) para transitar pela Europa e também para conseguir liberar os vistos de entrada para a América do Sul, América do Norte e Austrália. A Argentina era um dos refúgios mais procurados. Outros países foram covardes! A Austrália permitia, mas com algumas restrições, enquanto que a Suíça não deixava entrar “gente como a gente”.

De 1934 a 1938 assumimos a tarefa de ajudar a comunidade de fé judaica que, ao lado das esquerdas, foi a primeira vítima dos nazistas. Max e eu nos pusemos à disposição da Central de Informações para Emigrantes de Frankfurt, cujo escritório central ficava na Casa Comunitária, na Rua Königswinter. Em Hessen viviam muitos judeus nas pequenas



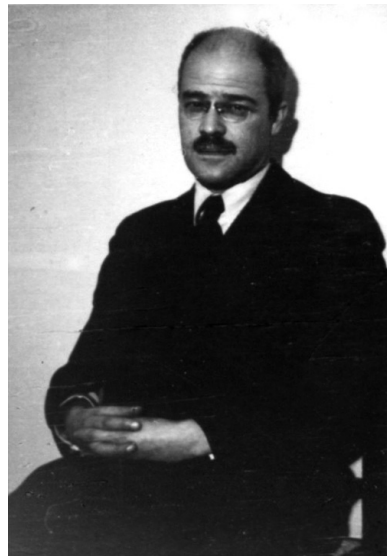
*Max Maier e Mathilde [Wormser] Maier*

idades e vilas ganhando sustento por meio da agricultura e do comércio de gado. Dentre estes escolhemos algumas famílias que se adequavam à colonização judaica da Jewish Colonization Association (ICA)<sup>A</sup> na Argentina. Era muito difícil decidirmos por eles e eles por si. Em 1936, compramos uma gleba de terras em Rolândia, norte do Paraná, no Brasil, cuja história contarei em seguida. Esta era, naquele momento, uma saída de emergência.

Esses últimos anos em Frankfurt foram horríveis. Muitos de nossos amigos puseram fim às próprias vidas, entre os quais estava Hans Maier, irmão de Max. Nós os compreendíamos, sem aprová-los. Quando Hans Maier cometeu suicídio alguns meses depois da morte de esposa em 1937, Max Maier tornou-se o tutor legal de seus filhos.<sup>B</sup> Em junho de 1938, vários judeus foram levados aos campos de concentração sob a alegação de supostos antecedentes criminais, como

**A-** A Jewish Colonization Association (JCA ou ICA) foi criada em 11 de setembro de 1891 por Moritz Hirsch – o barão Hirsch – com o objetivo de facilitar a emigração em massa de judeus da Rússia e outros países do Leste Europeu, assentando-os em colônias agrícolas em terras por ela adquiridas, particularmente na América do Norte e, na América do Sul, principalmente na Argentina e no Brasil.

**B-** Entre os papéis da família Max e Mathilde Maier, doados para Museu Memorial do Holocausto de Washington, consta uma cópia da autobiografia de Hans Maier e uma cópia da descrição de Gertrud Mainzer, de seu tempo em Bergen-Belsen. Estes documentos foram doados por Margaret West, sobrinha-neta de Max e Mathilde Maier. Disponível em: <<https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn501922#?-c=0&m=0&s=0&cv=12&xywh=311%2C208%2C572%2C399>>. Acesso em: 14 ago. 2017.



Hans Maier, irmão de Max.  
Frankfurt, 1937. Collections  
Search United States Holocaust  
Memorial Museum, Washington  
D.C., EUA.

acidentes de carro e similares. Foi aí que também decidimos sair. Precisávamos de vistos para poder emigrar e, sem a ajuda de nossos amigos não judeus, dificilmente teríamos conseguido escapar de Frankfurt no dia 10 de novembro de 1938.<sup>B</sup> Minha mãe teve um terrível fim...<sup>D</sup>

## O Brasil como opção

Alguns anos antes de 1938 ficamos sabendo que era possível comprar terras no Brasil por intermédio da Cia. de Terras Norte do Paraná e que as tramitações poderiam ser feitas em Berlim. Falava-se do Brasil como um país livre, onde se poderia viver como judeu sem ser perseguido. E isto era muito importante naquele momento. Havia, inclusive, uma série de folhetos que circulavam pela Alemanha incentivando a compra de terras em Rolândia, no Paraná. Muitas dessas informações conseguíamos pelo Sr. Erich Koch-Weser,<sup>C</sup> cuja mãe Minna Lowenstein era judia. Ela era filha de um comerciante judeu de Burhave e, por isso, ele foi obrigado a deixar o país como tantos outros. Soubemos que ele já havia comprado terras no Paraná e, assim, fizemos a mesma coisa. Adquirimos 200 alqueires e o Sr. Klaus Kaphan entrou como nosso sócio. Ele entendia do assunto, ou seja, tinha prática em agricultura.

Os vistos foram conseguidos no consulado brasileiro. Procuramos pelo cônsul, que nos disse o seguinte: “Não posso conceder vistos para judeus!” Compreendi logo que ele tomava dinheiro. Disse-nos que por dinheiro fazia de tudo. Perguntei-lhe quanto queria em troca dos vistos, apesar de

**A-** Max Maier assim descreveu este momento: “No dia 10 de novembro de 1938, após doze anos de uma vida conjugal feliz e trabalhosa, após seis anos sob o terror nazista, depois da ‘Noite dos Vidros Quebrados’ (*Kristallnacht*, em alemão); depois do ‘pogrom’ ordenado pelos nazistas, pude enfim sair da minha cidade natal (Frankfurt sobre o Meno) com a minha família. Pudemos nos salvar das perseguições do último dia da nossa estada em Frankfurt com a ajuda de bons amigos; sem essa ajuda não teríamos conseguido pegar o trem da noite para a Holanda. Antes da fronteira, na cidade de Emmerich, fomos detidos pela ‘SS’ e tratados de maneira humilhante.”. MAIER, Max Hermann. *Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira*. Rolândia: Gráfica Velox Ltda., c. 1976/1977, p. 4.

**B-** Bertha Wormser, mãe de Mathilde Maier, morreu em 1942. Conforme consta na base de dados de vítimas da então Tchecoslováquia, Bertha Wormser nasceu em Born em 5 de fevereiro de 1867, tendo Khan como sobrenome de solteira. Foi levada no Transport n° 1004 em 19 de agosto de 1942, que saiu de Frankfurt (Alemanha) para Terezín (Tchecoslováquia), onde morreu em 18 de setembro de 1942. Neste transporte foram deportadas 1.017 pessoas, das quais 998 foram assassinadas e apenas 19 sobreviveram. Disponível em: <<http://www.holocaust.cz/en/database-of-victims/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

**C-** Erich Koch-Weser (1875-1944) era filho de Anton Koch (1836-1876), diretor de uma escola evangélica em Bremerhaven, e de Minna Lowenstein (1841-1930), filha de um comerciante judeu de Burhave. Foi educado como evangélico, o que não o livrou das perseguições antisemitas. Hoje ele é uma referência para todos que estudam a imigração dos judeus refugiados em Rolândia na década de 1930. Acrescentou Koch ao seu nome em 1927, a fim de distinguir-se dos outros membros do *Reichstag*. Entre 1884 e 1893, estudou em uma escola em Oldenburg e, de 1893 a 1897, estudou direito e economia na Universidade de Bonn, em Munique. Doutorou-se pela Universidade Friedrich-Wilhelms, em Berlim. Em maio de 1933 teve seu livro *Ainda para*

que tínhamos direito a eles pelo fato de possuímos terras no Brasil. Ele respondeu-nos: “Cinco mil marcos!”.

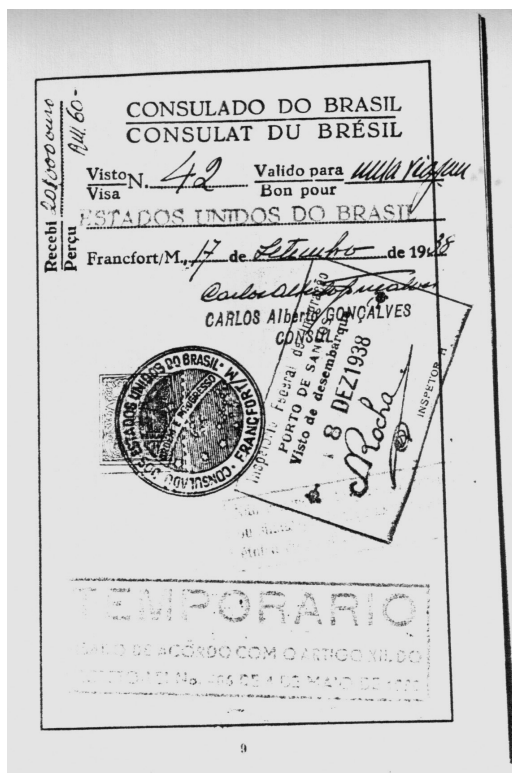
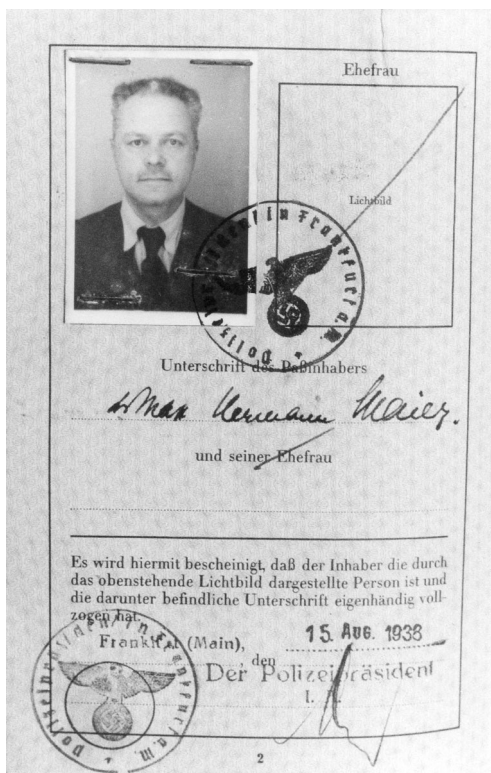
Coloquei o dinheiro em um envelope e entreguei-o ao cônsul Carlos Alberto: “Aqui está um pequeno presente para o senhor!”. Dessa forma conseguimos três vistos para o Brasil: um para Max, outro para mim e outro para Margareth Maier, nossa sobrinha que estava órfã. Seu pai, Hans Maier, havia se suicidado em 1937 e a mãe havia morrido logo em seguida. Hoje, Margareth mora nos EUA, onde trabalha como professora.

Compramos os vistos como “católicos”, o que para nós não mudava nada. O mais importante estava em salvar a vida e, pela vida, a gente faz qualquer coisa! Assim, anotaram em nossos passaportes a qualificação “católicos”. Muitos judeus não conseguiram este tipo de visto, pois não tinham como pagá-lo. Tentamos ajudá-los; fazíamos de tudo! Alguns chegaram a pagar para este mesmo cônsul. E veja só que coincidência: ele viajou no mesmo navio que nos trouxe para o Brasil em 8 de dezembro de 1938. A bordo ele nos disse: “Ah! Vocês pagaram só a metade! Vou persegui-los no Brasil!” E realmente foi isto que fez. Tanto fez que ganhou mais dinheiro por aqui.

Tivemos que vender nossas propriedades por nada, ou melhor, elas foram confiscadas. Eu vendi todas as minhas joias de família e ficamos com um pouco de dinheiro; só o que tínhamos obtido com a venda de uma parte das cartas de crédito para a compra de terras. Depois da guerra, as casas que nos haviam confiscado voltaram a ser nossas novamente. Só retornei à Alemanha muitos anos depois; havia deixado muitos amigos que, como nós, foram contra Hitler.

*cima. A sequência de guerra alemã* queimado pelos nazistas. Neste mesmo ano embarcou com sua esposa Irma e quatro filhos no Lloyd Dampfer Madrid rumo ao Brasil, deixando Bremerhaven, sua terra natal. Em Rolândia, onde comprou terras, instalou-se na Fazenda Janeta.

Vozes do Holocausto



Páginas dos passaportes de Max e Mathilde Maier, com vistos temporários e como católicos. Alemanha, 15.8.1938 e 8.12.1938. Acervo: Maier/PR; Arqshoah-Leer/USP.

N.º..... SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: **MATHILDE MAIER**

Admitido em território nacional em caráter: **PERMANENTE (ART.24.C/O 150 § 2º)**

Nacionalidade: **ALEMÃ**

Data de nascimento: **14-6-1896** Estado civil: .....

Pai: **LEOPOLDO WORMSER** Mãe: **BERTHA WORMSER**

Profissão: **P/ DOMESTICAS** **CURITIBA**

Registro Geral N.º **126.350** Carteira N.º **14.029 (EXP.em 29-10-46)**

Residência: **GLEBA ROTANDIA-MUN.CAIRUNA**

Emprêgo: .....

Local: **4-4-49**

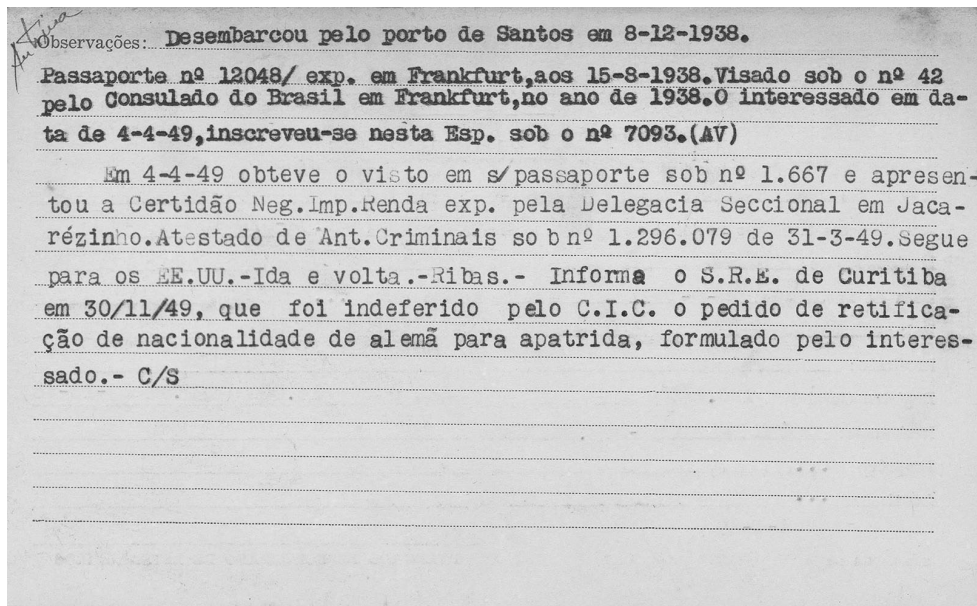
T. D. I. - Mod. 162

DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Registro de estrangeiros de Mathilde Maier. Curitiba (PR), 4.4.1949. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.



*Max Maier e Mathilde [Wormser] Maier*



Verso da ficha de estrangeiros de Max Hermann Ernst Maier com detalhes sobre a sua permanência no Brasil. Curitiba (PR), 4.4.1949.  
Acervo: Tucci/SP; Arqshoah-Leer/USP.

## Desembarcando no Brasil

A vida para os judeus em Frankfurt estava muito difícil. Lembro-me muito bem que no dia em que deixamos a cidade todas as sinagogas estavam em chamas. Centenas de judeus foram enviados para os campos de concentração. Ajudados por amigos católicos (que depois vieram nos visitar aqui em Rolândia) conseguimos embarcar num trem, mas na divisa de Emmerich fomos detidos por cerca de oito horas. Presos pelos nazistas, pensávamos: Pronto, agora tudo acabou! Estamos nas mãos de D'us!

Não sei como, mas nos deixaram sair. Naturalmente entre eles havia alemães que eram contrários a Hitler. Deixaram-nos passar... o pouco de coisas que carregávamos tinha sido confiscado e, na hora de partirmos, nos devolveram tudo. Foi um milagre! Só nos consideramos salvos após termos atravessado a divisa da Holanda.

Por uma semana ficamos hospedados em uma casa de amigos na Inglaterra e, depois, partimos de Southampton para o Brasil a bordo do navio Cap Arcona. Lembro-me de ter visto neste navio muitos homens de cabeça raspada e que haviam estado em algum campo de

### *Vozes do Holocausto*

concentração. Todos aqueles que eram judeus alemães traziam um “J” vermelho estampado no passaporte. Ainda conservo comigo este meu documento, com o “J” vermelho.

Em 8 de dezembro de 1938, atracamos no porto de Santos. Fazia muito calor! Na bagagem havíamos trazido algumas caixas com sementes e mudas de plantas para o nosso novo jardim. Agora, uma das coisas mais desagradáveis foi passar pela Alfândega... esta, lógico, implicou com nossas sementes e plantas!



Baú de viagem utilizado pelos Maier para o transporte de seus pertences desde a Alemanha até o Brasil, 1938. Fotografia não identificado. Collections Search United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.

## *Nossa vida em Rolândia*

Kaphan, nosso sócio, veio especialmente de Rolândia para nos encontrar no porto de Santos. Ele já conhecia um pouco do Brasil, pois havia chegado há alguns meses para preparar as coisas. Como nós, Kaphan enfrentara dificuldades para sair da Alemanha. Fomos para S. Paulo, onde nos hospedamos em uma pensão dirigida por imigrantes alemães que também haviam fugido da Alemanha há cinco anos por causa do nazismo. Haviam chegado ao Brasil em 1933, indignados com a perseguição em massa, a qual a família, mesmo não sendo judia, teve de sofrer devido à sua ascendência.



Em S. Paulo tivemos um imprevisto: Maier teve que ser operado de uma hérnia que já estava complicada desde que havíamos saído de Emmerich. Lá, durante a nossa detenção, ele quis se levantar de uma cama de ferro e, a partir daí, essa hérnia só nos deu trabalho. Maier foi operado num hospital alemão em S. Paulo e conseguimos pagar uma quantia modesta pela sua cirurgia. A diária no hospital custava 12 mil réis, ou seja, um marco e sessenta centavos.

Chegamos a passear no Parque Trianon, onde havia um pedacinho de mata virgem com bichos-preguiça se pendurando nas árvores. Lembro-me de que o Brasil, nesta época, cheirava a capim-gordura, um dos seus cheiros peculiares, doce e pesado.

Maier havia adquirido 200 alqueires em Rolândia em sociedade com Kaphan. Este, conforme eu já lhe disse, entendia tudo de agricultura. Tudo isto foi se tornando muito interessante.<sup>A</sup>

Em 1939, apanhamos um trem que levava 24 horas para chegar até Rolândia, no norte do Paraná. Olhávamos pelas janelas do vagão as fagulhas, o pó vermelho da terra, os pastos magros e as plantações mirradas de milho. Bosques pobres de eucaliptos e imensas áreas de capoeiras que, segundo nos informaram, haviam sido cobertas por cafezais. Mas, quanto mais penetrávamos para o interior, mais rica ia ficando a paisagem. O trem parava em pequenas estações e a última, antes de chegarmos a Rolândia, foi Ibiporá.<sup>B</sup>

Rolândia nada mais era do que uma pequena vila com algumas poucas casas de madeira e algumas lojas onde a gente

A- “Para apoiar os interessados na compra de terras, colaborou estreitamente a Casa Bancária de Warburg, sediada em Hamburgo, que mantinha contato com os judeus de Berlim. Por intermédio do Banco Warburg, os interessados eram colocados em contato com a *Parana Plantations London* e a *Companhia de Terras Norte do Paraná*. Esses compradores de terras em Rolândia, por ocasião da entrega dos documentos, deveriam apresentar uma permissão de residência permanente no Brasil, condição que os colocava na dependência das autoridades brasileiras. Desde 1934, a imigração para o Brasil estava sendo regularizada pelo sistema de cotas, que exigia uma carta de chamada ou apresentação de título de compra de terras no país.”. CARNEIRO, 2010, p. 181-190.

B- “Nos anos 1930, Rolândia (norte do Paraná) parecia uma aldeia no meio de uma grande selva, terra roxa, boa para a agricultura. Até a poeira era roxa! As ruas eram estreitas, com construções de madeira e a parte da frente em alvenaria. O trânsito era de charretes puxadas por burricos, homens a cavalo, muitas vezes armados, usando chapéus, botas com esporas. Nos armazéns e nas pequenas lojas podíamos comprar de tudo um pouco, como na Secos & Molhados que vendia ovos, manteiga, arroz, feijão e muito mais. A Casa Guilherme era a mais procurada, sendo de propriedade do Dr. Weber, um médico judeu alemão. O centro da cidade era chamado de *Stadtplatz* pelos judeus alemães que ali vendiam tudo que produziam, desde galinhas até manteiga.” Testemunho de Ricardo Loeb-Caldenhof em entrevista concedida a Tucci Carneiro. Rolândia, 25 de setembro de 1989.

**Companhia de Terras Norte do Parana**  
(BRASIL)

CAIXA POSTAL 2773,  
SÃO PAULO.

LONDINA,  
NORDPARANA.

Direktoren:  
DR. JOÃO SAMPAIO,  
A. H. M. THOMAS,  
DR. A. C. DE ASSUMPÇÃO,  
CHARLES R. MURRAY,  
W. H. MORTON


Vertretung in London:  
**PARANA PLANTATIONS LIMITED**  
1, LONDON WALL BUILDINGS, E.C. 2.

Fernruf: LONDON WALL 4686. Telegramm-Adresse: PARANAPLA, AVE, LONDON.

Verwaltungsrat:  
Präsident: THE HON. ARTHUR M. ASQUITH, D.S.O.  
SIR BERNARD ECKSTEIN, BART.  
THE EARL OF ELDON.  
EDWARD GREENE.  
P. HORSFALL.  
ALEXANDER MACINTYRE.  
Vice-Direktor: HAROLD WOODING.

Die Landfläche in Nordparana, die von der obengenannten englischen Gesellschaft zur Siedlung angeboten wird, umfasst rund 1.200.000 Hektar. Das Land liegt 23° südlicher Breite, in einer Höhe von 5-800 Meter über dem Meeresspiegel. Es ist Urwaldgebiet. Die Besitztitel der Landgesellschaft sind ihr unmittelbar von der Regierung des Staates Parana verliehen worden.

Die klimatischen Bedingungen sind günstig. Es ist mit einem gleichmässig jährlich auftretendem Regen von rund 1.500 mm während der Monate Oktober-März zu rechnen. Die Temperatur im Schatten ist selten höher als 35° (95° Fahrenheit). Frost ist fast unbekannt. Die Nächte sind im Sommer kühl.



TEILANSICHT VON LONDRINA, 1934.

**BODENBESCHAFFENHEIT.**—Der Boden gehört mit zu den fruchtbarsten der Erde. Sowohl subtropische Pflanzen wie viele der gemässigten Zone gedeihen gut. Die Kosten für Roden des Urwalds sind nicht erheblich. Holz zum Bauen, Einzäunen und für Feuerung ist reichlich vorhanden. Zahlreiche Wasserläufe mit gutem Trinkwasser durchfliessen das Land. In Londrina ist ein Krankenhaus. Ein europäischer und mehrere brasilianische Aerzte stehen zur Verfügung.

Die Landgesellschaft lässt ankommende Siedler durch ihre Vertreter an der ihrer ausgewählten Siedlung zunächst gelegenen Bahnstatione abholen und sie mit ihrem Gepäck—falls es nicht das übliche Mass übersteigt—kostenfrei durch Auto an ihren Bestimmungort befördern.

Panfleto de propaganda do Brasil na Alemanha. Companhia de Terras Norte do Paraná. London: Parana Plantations Limited, 1930.  
Acervo: Tucci/SP.

podia comprar de tudo um pouco. Uma delas trazia escrito na frente Secos & Molhados e que, em alemão, soava muito engraçado.

Fomos até a Casa Guilherme, que era uma espécie de encontro dos imigrantes alemães e cujo proprietário, Dr. Weber, era um médico que também havia fugido da Alemanha. Só que aqui não tinha o direito de clinicar e, por essa razão, abriu essa loja.



Estação de trem de Rolândia, c. 1940.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://historiaderolandia.blogspot.com.br/2014/07/estacao-ferroviaria-de-trens-de.html>>.

Acesso em: 14 ago. 2017.

Na Fazenda Jaú fomos recebidos pela família do nosso sócio, os Kaphan. Eles moravam em uma pequena casinha de madeira e ao lado havia a “Casa dos Estagiários”, onde ficamos alojados logo na primeira noite. Finalmente pudemos dormir em lençóis limpos... sofremos muito com as picadas dos borrachudos, que ficavam inchadas e muito inflamadas.

A “Casa dos Estagiários” tinha sido construída para receber um grupo de jovens que estavam sendo instruídos na Fazenda Experimental de Gross Breesen, na Silésia. Deveriam imigrar para o Brasil, mas, o governo fascista de Vargas – influenciado pelos



Max Maier chegando na Fazenda Jaú.

Fotógrafo não identificado.

Rolândia, 1938.

Collections Search United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.



Casa construída para abrigar estagiários judeus alemães, que nunca conseguiram os vistos para o Brasil. Fazenda Jaú, Rolândia, década de 1930.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Tucci/SP; Arqshoah-Leer/USP.





Biblioteca de Mathilde e Max Maier. Fazenda Jaú, Rolândia, s. d. Fotografia não identificada. Collections Search United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.

nazistas – negou o visto a estes rapazes. Quase todos morreram em campos de concentração.

Nunca havíamos trabalhado na agricultura, pois Maier era advogado na Alemanha. Eu tinha as minhas experiências com os jardins e hortas. Hoje, eu tenho o meu jardim aqui na Fazenda Jaú. Lembrome de que lemos “O conselheiro prático para o colonizador alemão”, um livro instrutivo que nos ensinou muitas coisas. Era muito engraçado quando tentávamos traduzir o português ao pé da letra: “O

adubo é o pé do lavrador, mas é o olho do patrão que engorda o boi!”, ou então: “Quem deixa suas galinhas ‘arvorear-se’ (subir na árvore) condena a si mesmo!”.

Quando os nossos primeiros livros saíram dos caixotes de mudança para as estantes rústicas de madeira nos sentimos aliviados... Começamos a nos sentir em casa, ainda que em outro país!

Fazíamos as refeições na casa dos Kaphan que, desde o começo, muito nos ajudou e ensinou. Ainda tenho uma foto de Max rachando lenha. A nossa propriedade fazia divisa com o ribeirão Jaú, além de ter ricas nascentes. Em uma delas instalamos um “carneiro” que conduzia a água até a nossa casa. Aproveitamos uma queda d’água do ribeirão para construir um moinho de quirera e fubá. Até que o trabalho ali não era muito difícil.

Um dia achei uma cobra sobre a mesa da cozinha; parecia um cinto de Gretel e eu quis guardá-lo. Imaginem só que susto. Uma outra vez encontrei uma cobra enrolada entre os cobertores da cama e que foi morta a tiros por nosso sócio Kaphan que vestia, naquela ocasião, um roupão vermelho. Foi uma cena superengraçada! Isso sem falar dos gambás que entravam na casa e se escondiam debaixo da cama. E como fediam quando eram atacados! Os nossos favoritos eram os beija-flores, que cheguei a pintá-los em muitos dos meus quadros. Conhecemos cerca de quinze espécies diferentes.



Alpendre da residência dos Maier com as orquídeas cultivadas por Mathilde. Ao fundo, na parede, alguns dos quadros de sua autoria. Fotografia não identificada. Fazenda Jaú, Rolândia, 1988. Collections Search United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.

Em Rolândia encontramos entre 40 e 50 famílias que, como nós, tinham abandonado a Alemanha nazista. Poucos haviam sido agricultores na Alemanha; abandonaram suas profissões de médicos, comerciantes, advogados, juízes etc., para aqui começarem tudo de novo. Começamos a visitá-los todos os finais de semana; a maioria morava em nos arredores de Rolândia.<sup>A</sup>

Gostávamos muito de visitar Erich Koch-Weser, que morava em Rolândia com seus quatro filhos. Ele foi um velho diplomata político de gabarito e ocupou altos postos durante a República de Weimar. Maier o havia conhecido durante a sua atuação política no partido democrático e fora ele que nos encorajara a vir para o Brasil. A família Koch-Weser chegara em 1933 e, mais tarde, trouxera o Prof. Goetz Ziegler, também fugitivo da Alemanha, para instruir seus

A- Rolândia – ou a Gleba Roland como era conhecida – tornou-se um centro de refugiados alemães de todos os tipos. Ricardo e Silvia Loeb-Caldenhof adquiriram a Fazenda Belmonte; Matilde e Max instalaram-se na Fazenda Jaú; Erick Koch-Weser adquiriu a Fazenda Janeta, e o casal Max e Berta Moser preferiram a cidade. Além dos refugiados judeus, havia em Rolândia muitos nazistas que também chegaram entre 1938 e 1939, entre os quais citamos a poetisa Maria Kahle (1891-1975), alemã, que veio ao Brasil pela primeira vez em 1913 para visitar uma tia. Não conseguiu retornar à Alemanha devido ao início da Primeira Guerra Mundial, permanecendo até 1920, ano em que retornou à sua terra natal. Foi quando conheceu a ordem anti-democrática e antissemita *Der Jungdeutsche*. Com a ascensão do nacional-socialismo ao poder, voltou ao Brasil em 1934 com o objetivo de fazer propaganda do ideário nazista nas colônias alemãs, dentre elas Rolândia, onde morou por uns tempos. Ver MELLO, Lucius de. *A travessia da terra vermelha. Uma saga dos refugiados judeus no Brasil*. S. Paulo: Novo Século, 2007. Ver matéria de OGAWA, Vitor, “Judeus e nazistas na 2ª Guerra Mundial em Rolândia” disponível em: <<http://pioneirosderolandia.blogspot.com.br/2015/11/judeus-e-nazistas-em-rolandia-no-tempo.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.



Max e Mathilde Maier em sua residência na Fazenda Jaú. Rolândia, s. d. Fotografia não identificado. Collections Search United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.

filhos. O filho mais velho de Koch-Weser chamava-se Geert e também possuía um pedaço de mata virgem na região. Aliás, esta era uma das condições de venda da companhia inglesa, que previa que dez por cento da área adquirida deveria permanecer como mata virgem.<sup>A</sup>

Uma outra fazenda que visitamos logo que chegamos a Rolândia foi a dos Schauff, que ainda estavam morando na Europa. Tivemos também o prazer de conhecer Ricardo e Hannchen Loeb-Caldenhoff, proprietário da Fazenda Belmonte e que hoje é a maior produtora de trigo e arroz nesta região. Em volta da sua bela casa eles fizeram um jardim em lembrança ao parque em torno do castelo paterno de Ricardo, em Hamm, na Westfália, onde ele havia passado a sua infância.

Mas, o que temíamos aconteceu: a Segunda Guerra Mundial. Recebíamos notícias que chegavam da Europa e a tensão aumentava dia a dia. Muitos se desesperaram

A- Erick Friedrich Ludwig Koch-Weser, ou simplesmente Erick Koch-Weser, nasceu em 26 de fevereiro de 1875 em Bremerhaven, na Alemanha e faleceu em 19 de outubro de 1944 na Fazenda Janeta, em Rolândia, norte do Paraná, Brasil. Era filho de Anton Koch (1836-1876), diretor de uma escola evangélica em Bremerhaven e de Minna Lowenstein (1841-1930), filha de um comerciante judeu de Burhave. Foi educado como evangélico, o que não o livrou das perseguições antissemitas. Além de renomado advogado e político, é hoje uma referência para todos que estudam a imigração dos judeus para Rolândia na década de 1930.



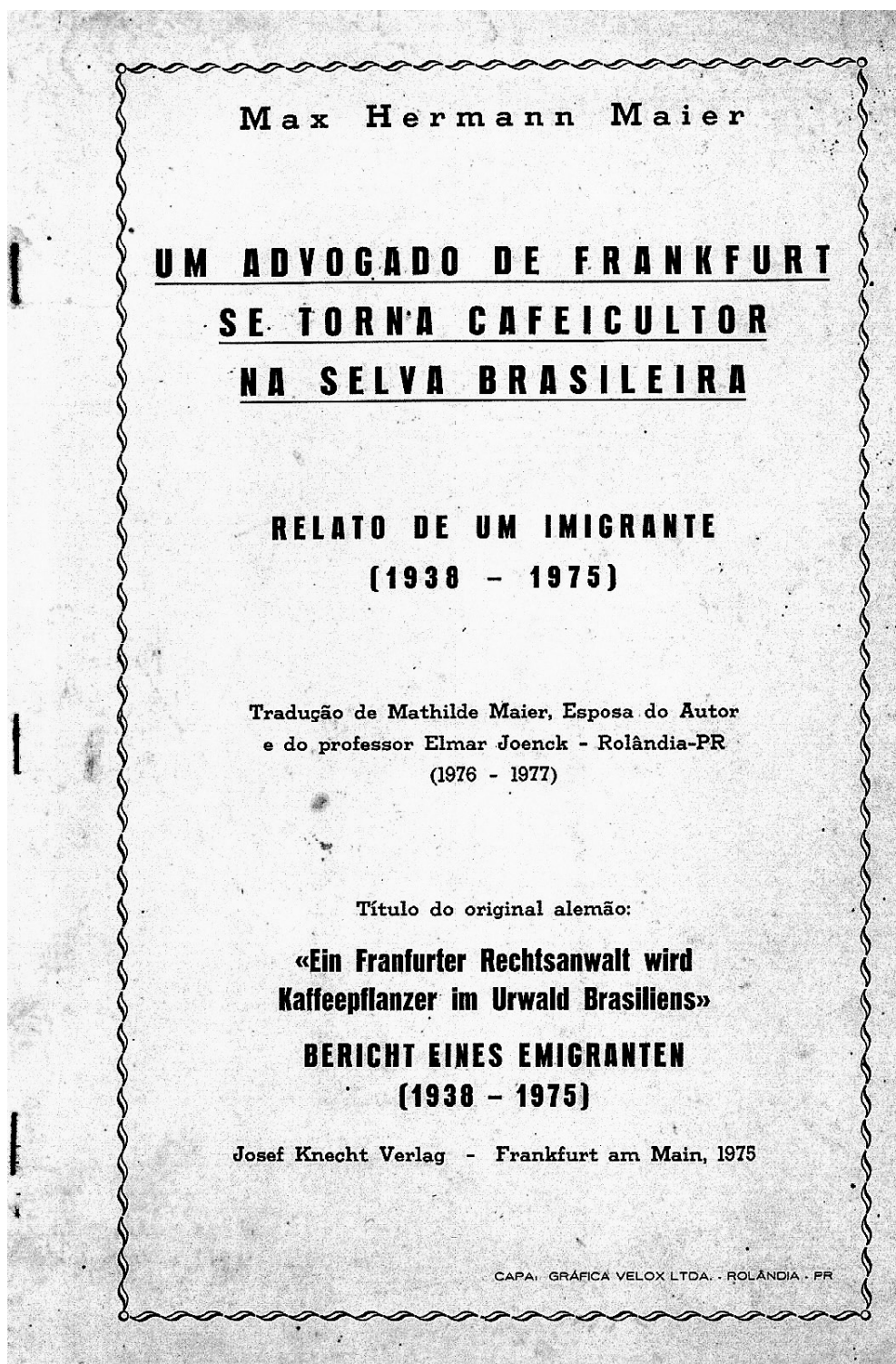
quando o Brasil entrou na guerra. Estávamos no Rio de Janeiro quando ela terminou e ficamos muito tristes com o sofrimento que o nacional-socialismo havia trazido para toda a Europa e para o povo judeu. Muitos de nossos amigos na Alemanha haviam sido exterminados e a nossa pátria-mãe estava em ruínas.<sup>A</sup>

Em maio de 1945, apesar de toda esta tristeza, Max e eu festejamos as nossas bodas de prata. Era carnaval no Rio de Janeiro. Fugimos de toda a algazarra e subimos para a Chácara do Céu no morro de Santa Tereza. Sentados em um banco de jardim olhamos, lá de cima, aquela cidade tão maravilhosa e elevamos os nossos pensamentos para nossa casa no norte do Paraná.

Max Hermann Maier, posteriormente, escreveu dois livros em alemão: *Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira* e *Nós, em nossos corações, somos alemães*. Eu, em 1978, publiquei pela Editora Verlag Josef de Frankfurt as minhas memórias que, em 1983, foram traduzidas para a língua inglesa: *Alle Gärten Meines Lebens* (ou, em inglês, *All the Gardens of My Life*). Hoje já encontramos o livro em português com o título *Os jardins de minha vida*.<sup>B</sup>

**A-** Após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o DOPS/Paraná, vinha se preocupando com os proprietários da Fazenda Jaú, anotando desde 1939 a chegada da mudança dos Maier em grandes caixões vindos do Uruguai: “total de aproximadamente 3.000 quilos e, apesar da curiosidade despertada por tal carregamento, numa localidade pequena como é, não foi possível a ninguém conhecer a natureza de carga, sendo que os caixões tinham vários destinatários, dos quais um era o alemão MAX HERMAN, conhecido por Dr. Max, que reside a 9 km da cidade. Hermann Maier era um dos proprietários da fazenda Jaú.” Consta também que ocorreu uma denúncia às autoridades militares afirmando que eles escondiam armas e munições em suas casas, “porque nenhuma outra coisa poderia estar nessas caixas pesadas que chegavam da Alemanha. Foi então que a mais alta autoridade policial veio de Curitiba para vistoriar a bagagem, constando que não passavam de livros. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752015000200547](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752015000200547)>. Acesso em: 16 ago. 2017.

**B-** No arquivo do Museu Memorial do Holocausto, em Washington D.C., existe uma coleção de cartas, documentos e fotos identificadas como Max e Mathilde Maier Family Papers, 1866-1998. Segundo a ficha técnica desta coleção, os papéis da família Max e Mathilde Maier, “medem 1.5 pés lineares, datam de 1866-1998, e incluem materiais biográficos, correspondências, fotografias, materiais impressos e escritos, documentando o serviço militar da Primeira Guerra Mundial de Max Maier e a educação, casamento e a emigração para Rolândia, Brasil. Os trabalhos também incluem uma cópia de uma autobiografia de Hans Maier e uma cópia da descrição de Gertrud Mainzer, de seu tempo em Bergen-Belsen. Em novembro de 1938, Max e Mathilde Maier emigraram com Margarete Maier para Rolândia, Brasil, onde compraram terras em 1936, tornando-se fazendeiros e obtiveram a cidadania brasileira em 1951 e 1953.”. Disponível em: <<https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn501922#?c=0&m=0&s=0&cv=12&xywh=311%2C208%-2C572%2C399>> e <[https://collections.ushmm.org/findingaids/1998.A.0056\\_01\\_fnd\\_en.pdf](https://collections.ushmm.org/findingaids/1998.A.0056_01_fnd_en.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2017.



Capa do livro de memórias de Max H. Maier. Rolândia: Gráfica Velox Ltda, c.  
1976/1977 (Brochura).

Acervo: Tucci/SP; Arqshoah-Leer/USP.





Capa do livro de memórias de Mathilde Maier. Frankfurt, 1978.<sup>A</sup>

Fotografia: Editora Verlag Josef.

Acervo: Maier/PR; Arqshoah-Leer/USP.

A- O casal Maier está enterrado em Rolândia, no Cemitério Municipal São Rafael, no Bairro Rural São Rafael. No dia 23 de junho de 2017 foi descerrada em frente à casa onde moravam Max e Mathilde Maier uma *Stolpersteine* (Pedra de Tropeço), às 12h10 em Nordend, na Kleebergstrasse 3, em Frankfurt Main, Alemanha. Disponível em: <[http://www.stolpersteine-frankfurt.de/downloads/stolpersteine\\_timetable\\_1706\\_5.pdf](http://www.stolpersteine-frankfurt.de/downloads/stolpersteine_timetable_1706_5.pdf)> e <<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&reset=true&referrerPosition=0&referrerResultId=idn%3D118576402%26any&query=idn%3D118576399>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

*Vozes do Holocausto*



Residência do casal Mathilde e Max Maier. Fazenda Jaú, Rolândia, década de 1980.

Fotografia: José Carlos Farina.

Disponível em: <<http://static.panoramio.com/photos/large/10044376.jpg>>. Acesso em: 14 ago. 2017.



Mathilde Maier sendo homenageada aos 91 anos em sua residência na Fazenda Jaú. Rolândia, 1987. Fotógrafo não identificado. Collections Search United States Holocaust Memorial Museum, Washington D.C., EUA.